

POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL A PARTIR DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR

Lucas Lafaiete Leão de Lima¹
Sandra Maria Wirzbicki²

INTRODUÇÃO

O período de estágio é um momento excepcional durante a formação de professores, seja ela inicial ou continuada. Essa vivência insere o professor em seu futuro local de trabalho, proporcionando a oportunidade de experimentar os desafios da profissão. Para Filho (2009), a formação de professores é um processo que deve ir além das salas de aula, de modo que seja possível desenvolver todas as experiências e práticas vivenciadas pelo profissional durante sua trajetória docente, estabelecendo uma relação com sua prática e refletindo sobre seu exercício.

De acordo com Pimenta e Lima (2012, p.31)

O estágio de docência no ensino superior é um espaço privilegiado para que o futuro docente compreenda a complexidade da prática pedagógica universitária, desenvolva capacidades de análise crítica e reflita sobre sua própria atuação no processo ensino-aprendizagem.

No contexto da pós-graduação, especificamente na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), onde atuo como aluno bolsista, o Estágio de Docência (ED) é regulamentado pela Instrução Normativa nº 49, de 11 de dezembro de 2023 (UFFS, 2023). O Art. 12º destaca a obrigatoriedade da realização do ED para bolsistas da pós-graduação, sendo opcional para os demais alunos.

Neste relato de experiência, tenho como objetivo sistematizar as vivências do período de ED no ensino superior, desenvolvido no componente curricular (CCR) de Estágio Supervisionado: Educação Não Formal, ofertado na sexta fase do curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, da UFFS, campus Cerro Largo. Retornei a esse espaço com a função de professor estagiário, e não mais como aluno, o que refinou meu olhar e atitudes, permitindo inúmeras reflexões sobre minha prática.

METODOLOGIA

Este relato de experiência buscará contextualizar o período de ED, no qual serão descritas as observações das atividades realizadas. Conforme Lüdke e André (2013, p. 35), “A observação sistemática em sala de aula possibilita o registro de aspectos que dificilmente emergiriam apenas por meio de entrevistas ou questionários, como atitudes, relações interpessoais e práticas pedagógicas cotidianas”. Assim, as narrativas aqui apresentadas foram elaboradas a partir de observações e registros dos encontros em diário de classe.

As aulas foram desenvolvidas por meio de diferentes estratégias, englobadas por uma macro metodologia de Investigação-Formação-Ação no Ensino de Ciências

¹ Acadêmico do Curso de Pós-Graduação em Ensino de Ciências – 3º Semestre. Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Cerro Largo. Lucaslafaiete5@gmail.com

² Doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora. Professora do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Realeza e do PPGECC - Campus Cerro Largo, sandra.wirzbicki@uffs.edu.br

(IFAEC) (Bervian e Pansera-de-Araújo, 2022). Inseridos em um ambiente formativo e reflexivo, os estudantes puderam protagonizar seu processo de aprendizagem por meio de interações que possibilitaram a problematização e a construção de saberes significativos.

A realização do ED ocorreu durante o segundo semestre do ano de 2024, contando com 20 encontros. A turma era composta por 21 licenciandos, sendo 4 do curso de Química e 17 do curso de Ciências Biológicas, em diferentes fases dos respectivos cursos. As aulas estavam organizadas em 4 créditos, distribuídos entre planejamento de estágio, prática de estágio e elaboração do relatório final. Participei efetivamente de todas as atividades, juntamente com a professora responsável pelo CCR, supervisora do estágio, e minha orientadora.

REFERENCIAL TEÓRICO E/OU DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Durante o CCR, foram desenvolvidas atividades com os licenciandos, como seminários, escritas reflexivas, elaboração do plano de trabalho com as atividades de estágio, apresentação de propostas inovadoras, participação em palestras e eventos universitários, além de aulas expositivas e dialogadas sobre temas como educação não formal, elaboração de relatos de experiência e leitura de artigos científicos.

A interdisciplinaridade entre conteúdos e áreas foi evidenciada em temáticas como educação alimentar, recursos digitais, ensino de Química, plantas medicinais e conceitos sobre evolução. Muitos desses temas, desenvolvidos por alunos, não faziam parte do meu repertório aprofundado, o que me incentivou a estudar mais e ampliar meus conhecimentos. Como futuro professor, sei que lidarei com essa pluralidade de saberes e pensamentos.

A presença de discussões e reflexões sobre a prática docente foi intensificada em espaços que permitiram aos futuros professores refletirem sobre sua atuação no ensino de Ciências (Moraes, 2019). Assim, componentes como o Estágio Curricular Supervisionado: Educação Não Formal contribuem para a problematização dos espaços de ensino formais e fortalecem o engajamento profissional do professor em formação (Mello, 2017).

No contexto da alfabetização científica, há uma necessidade crescente de aprimoramento das metodologias de ensino, com vistas à promoção de uma aprendizagem mais efetiva nas Ciências (Sasseron e Machado, 2024). Deste modo, torna-se fundamental que os alunos se envolvam profundamente com os conteúdos, cultivando a curiosidade e o desejo de explorar e integrar novos conhecimentos (Gonçalves, 2020). O ensino não formal amplia essas possibilidades, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

Gohn (2006, p.29) define que:

[...] a educação não formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimentos sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo.

Neste estágio específico, os alunos foram desafiados a trabalharem coletivamente em ambientes não formais, envolvendo-se com projetos diversos e áreas do conhecimento, inclusive com a educação infantil, ainda que sua formação não os habilite para atuar nos anos iniciais da educação básica. Essa vivência

permitiu-lhes compreender os contextos fora da escola, valorizando os conhecimentos populares e de senso comum adquiridos no cotidiano, e explorá-los cientificamente, atribuindo-lhes maior significado no processo de ensino e aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o semestre, acredito que minha atuação como estagiário foi pertinente, tanto para a professora titular, que pôde contar comigo, quanto para os alunos. Criamos uma rede de apoio, o que foi essencial, considerando a complexidade e a carga de trabalho da docência no ensino superior, que envolve ensino, pesquisa e extensão. Para os alunos, minha presença proporcionou uma relação mais próxima e horizontal, o que os deixava à vontade para tirar dúvidas e discutir conteúdos junto a mim.

O CCR me impulsionou a mergulhar em novas fontes de conhecimento, por meio de temáticas trabalhadas pelos alunos como ensino de Química, Botânica, evolução e Zoologia — assuntos que já havia estudado na graduação, mas que agora pude revisitar sob um novo olhar. Esse processo contínuo de formação e qualificação docente (Lourenço e Wirzbicki, 2019) permitiu-me experimentar e refletir sobre minha atuação e meu processo formativo.

Além disso, aprimorar e adquirir novos conhecimentos durante o estágio foi extremamente enriquecedor. Retornar ao CCR agora como professor me proporcionou uma nova perspectiva sobre o componente, exigindo que eu auxiliasse e supervisionasse os alunos, e não mais o contrário, contribuindo com referenciais teóricos, orientações sobre escrita, incentivo à leitura e revisão de documentações.

CONCLUSÃO

Retornar à graduação, não como aluno, mas como professor estagiário, foi uma experiência repleta de sensações entre a insegurança e a realização. Durante o estágio, pude aprofundar meus conhecimentos em diversos referenciais teóricos e aplicá-los em situações reais, por meio da interação com os alunos e das atividades pedagógicas, além de compartilhar a regência com a professora titular, experiência que fortaleceu ainda mais meu desejo de ser professor universitário.

Identifiquei lacunas a serem aprimoradas em minha prática docente, o que me motivou ainda mais a seguir estudando e me aprofundando na área. Concluo este estágio no ensino superior mais confiante no caminho que escolhi trilhar e com esperança no sucesso que almejo para a educação brasileira.

REFERÊNCIAS

BERVIAN, P.; PANSERA DE ARAÚJO, M. C. **Investigação-formação-ação no Ensino de Ciências: perspectivas para a constituição do TPACK dos professores.** Revista Insignare Scientia - RIS, v. 5, n. 3, p. 431 a 444, 13 ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.36661/2595-4520.2022v5n3.12845>. Acesso em: 25 abr. 2025.

FILHO, A. P. **O Estágio Supervisionado e sua importância na formação docente.** P@rtes. Dezembro de 2009. Disponível em: <https://www.partes.com.br/2010/01/04/o-estagio-supervisionado-e-sua-importancia-na-a-formacao-docente>. Acesso em: 25 de abr. 2025.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, [S.L.], v. 14, n. 50, p. 27-38, mar. 2006. FapUNIFESP (SciELO).

<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362006000100003>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 abr. 2025.

GONÇALVES, R. M. O uso das novas tecnologias de comunicação favorecendo a aprendizagem do ensino de ciências no ensino fundamental anos iniciais. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 9, n. 2, p. 1-16, 1 jan. 2020. Research, Society and Development. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i2.2065>.

LOURENÇO, D. S. de; WIRZBICKI, S. M. Reflexões sobre estratégias metodológicas de ensino em estágio de docência. **Revista Docência do Ensino Superior**, Belo Horizonte, v. 12, p. 1–18, 2022. DOI:

[10.35699/2237-5864.2022.37375](https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.37375). Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/37375>. Acesso em: 27 abr. 2025.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

MELLO, M. B. de. **O amor em tempos de escola**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

MORAES, L. dos S. **Manual do estágio do Curso de Pedagogia da Rede Laureate**. [S.l.: s.n.], 2019.

PIMENTA, S. G.; L. M. S. L. **Estágio e docência - teoria e prática: diferentes concepções**. Formação da pedagoga e do pedagogo: pressupostos e perspectivas. Tradução . Marília: Cultura Acadêmica, 2012. p. 244. Acesso em: 25 abr. 2025.

SASSERON, L. H.; MACHADO, V. F. **Alfabetização científica na prática: inovando a forma de ensinar física**. São Paulo: Livraria da Física. 2017. Acesso em: 25 abr. 2025.

UFFS. Universidade Federal da Fronteira Sul. **Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação**. Instrução Normativa nº 49, de 11 de dezembro de 2013. Institui o Estágio de Docência dos estudantes dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu, a serem desenvolvidos nos cursos de Graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2016.

Disponível em:

<https://site-antigo-2025.uffs.edu.br/atos-normativos/instrucao-normativa/propepg/2023-0049> Acesso em: 25 abr. 2025.